

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Os pobres só fazem política na hora de votar [The poor only make politics when it comes to voting]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

|               |   |
|---------------|---|
| Item Type     | Article   |
| Authors       | Fachin, Patricia  |
| Publisher     | Instituto Humanitas Unisinos - IHU  |
| Rights        | With permission of the license/copyright holder   |
| Download date | 2026-07-05 02:36:56   |
| Link to Item  | <a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/161811">http://hdl.handle.net/20.500.12424/161811</a> |

**IHU On-Line - O senhor defende que os movimentos sociais não devem ser autônomos em relação ao Estado. Entretanto, essa dependência pode agravar o sentimento de marginalização desses movimentos, por parte do próprio Estado? Como compreender, por exemplo, o incentivo à repressão desses movimentos pelo governo gaúcho?**

**Emir Sader** - Os movimentos sociais não devem se isolar da esfera política, buscando disputar hegemonia sob forma de força política ou aliar-se a movimentos políticos.

**IHU On-Line - Qual a contribuição dos movimentos sociais na construção de uma América Latina pós-neoliberal? O senhor vislumbra essa possibilidade?**

**Emir Sader** - Ela já existe centralmente no Equador, na Bolívia, na Venezuela.

**IHU On-Line - Alguns avaliam que pela primeira vez na história, com o governo Lula, o movimento social é respeitado enquanto força política. Outros consideram que Lula joga na despolitização do movimento social. Qual é a sua opinião?**

**Emir Sader** - Com razão, os movimentos sociais, seja o MST ou mesmo a CUT, têm várias críticas ao governo. Devem mantê-las e intensificá-las, mas estabelecer formas de aliança com os setores de esquerda do governo. Desconhecer esse elemento é fatal para o isolamento dos movimentos sociais. Se não conseguirem estabelecer aliança com setores deste governo, não lograrão com nenhum outro, porque a alternativa a este governo e a sua continuidade está à direita.

#### LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista com Emir Sader na página eletrônica do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). No sítio também estão disponíveis alguns artigos escritos por ele.

Entrevista:

\* *A renúncia de Fidel Castro e as implicações para a América Latina*, de 20-02-2008;

Artigos:

• *O encontro de Lula com os intelectuais*, de 20-06-2008;

• *Ética ou justiça social?*, de 08-10-2006;

• *Mudar, dentro do socialismo*, de 05-08-2006.

## “Os pobres só fazem política na hora de votar”

Ao longo da história, as reivindicações populares sempre foram consideradas uma ameaça à ordem da sociedade, avalia Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida

POR PATRÍCIA FACHIN

“H

oje, a pretexto de defender a democracia, pela qual jamais lutaram, representantes da direita brasileira procuram criminalizar os movimentos sociais, justamente onde estão as forças que mais se empenham no aprofundamento da democracia neste país”, afirma Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, sociólogo e professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, ao comentar a aversão da classe dominante frente às lutas populares, o pesquisador argumenta que o neoliberalismo “atualiza o velho preconceito liberal contra a participação dos trabalhadores na política”. E define: “Trata-se de uma política e de uma ideologia que se articulam a um processo de acumulação de capital ainda mais predatório do que o capitalismo dos chamados ‘trinta anos gloriosos’, do capitalismo que se seguiram à segunda guerra mundial.”

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida é graduado e doutor em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual de Campinas, e mestre em Ciências Políticas, pela mesma universidade. cursou pós-doutorado em Ciências Sociais, pela Université de Paris VIII.

**IHU On-Line - Ocorre, especialmente no Brasil, uma disposição em criminalizar os diversos movimentos sociais? Esse fato está relacionado às nossas raízes histórica, política e econômica?**

**Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida** - Tradicionalmente, as classes dominantes brasileiras consideram as lutas sociais uma ameaça à ordem. É interessante observar que a Revolução Pernambucana de 1817 foi facilmente sufocada quando o comandante português alertou os proprietários para o risco que os escravos representavam para a ordem. As classes dominantes só se lançaram

na luta pela Independência do Brasil quando se asseguraram de que a escravidão continuaria. E conseguiram arrastá-la até 1888. Para não recuarmos muito no tempo, observemos que, no momento final da derrubada do Estado Novo, os representantes das classes dominantes alegaram que Vargas<sup>1</sup> se revelava incapaz de

1 Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre ele o IHU promoveu o *Seminário Nacional A Era Vargas em Questão – 1954-2004*, realizado de 23

controlar o movimento operário. Em 1954, Vargas, desta vez presidente eleito constitucionalmente, em 1950, com quase 49% dos votos, também foi deposto, acusado de ser o maior subversivo do país, pois havia um grande ascenso das lutas operárias. E, em 1964, com o mote de defesa da democracia contra a subversão e a corrupção derrubaram o governo Goulart,<sup>2</sup> abrindo caminho para 21 anos de Ditadura Militar. As classes dominantes brasileiras possuem uma grande tradição de patrimonialismo, sem grande apreço pela distinção entre o público e o privado, mesmo quando esgrimem o discurso liberal. Hoje, a pretexto de defender a democracia, pela qual jamais lutaram, representantes da direita brasileira procuram criminalizar os movimentos sociais, justamente onde estão as forças que mais se empenham no aprofundamento da democracia neste país. A novidade atende pelo nome de neoliberalismo. Trata-se de uma política e de uma ideologia que se articulam a um processo de acumulação de capital ainda mais predatório do que

o capitalismo dos chamados “trinta anos gloriosos”, do capitalismo que se seguiram à Segunda Guerra Mundial. Procuram lucrar ao máximo no menor lapso de tempo possível, o que implica não somente uma gigantesca devastação ambiental mas também a superexploração dos trabalhadores. Daí as relações de trabalho precárias, a informalidade, o ataque à previdência social, as privatizações, o trabalho escravo ou semiescravo e outras mazelas que a maioria das pessoas consideravam inimagináveis no século XXI. Neste contexto, os dominantes consideram um escândalo que os pobres se organizem e lutem por seus direitos. O neoliberalismo atualiza o velho preconceito liberal contra a participação dos trabalhadores na política.

**IHU On-Line - A relação do Estado com os movimentos sociais tem revelado uma marginalização na política brasileira?**

**Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida** - Se depender da classe dominante brasileira, os pobres só fazem política na hora de votar e se votarem do que jeito que ela quer. E os eleitos fazem o que querem, ou seja, na maioria aprovam políticas que beneficiam os dominantes e são muito bem remunerados para isso. Alguém já viu pobre com dinheiro para corromper político? Mas quando os pobres procuram fazer política de outro modo, intervindo diretamente no processo de decisões acerca de suas próprias vidas, buscando se informar, trocar idéias e agir coletivamente, como é o caso dos movimentos que lutam pela reforma agrária, são tratados como criminosos. É claro que isto afeta a política brasileira, pois ela se transforma em uma atividade para um grupo muito restrito da população: aqueles que detêm o poder político e econômico.

**IHU On-Line - Duas bandeiras unificaram o movimento social na década de 1990, a luta contra o neoliberalismo e a eleição de um presidente operário. Agora o movimento social se encontra fragmentado. O senhor atribui essa divisão ao governo Lula?**  
**Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida** - Até agora, o governo Lula tem demonstrado

**“As classes dominantes só se lançaram na luta pela Independência do Brasil quando se asseguraram de que a escravidão continuaria”**

muita competência para reciclar o neoliberalismo no Brasil. Seu prestígio popular é imenso, o que assegura grande legitimidade para a política de seu governo que beneficia fundamentalmente o grande capital nativo e estrangeiro. Os lucros das grandes empresas dispararam. Os empregos também aumentaram, mas, no geral com salários muito baixos. E, se, no ano passado, foram gastos cerca de 9 bilhões de reais com o Bolsa Família, isto é insignificante perto dos mais de 237 bilhões destinados ao pagamento de juros da dívida pública. Mas Lula não é de extrema-direita. Esta diferença é importante e, infelizmente, passa despercebida para grande parte das esquerdas brasileiras. Isto as impede de fazer uma crítica consistente ao governo, sem se confundirem com o golpismo da direita.

**IHU On-Line - O senhor disse que antes das eleições o mercado tinha medo de Lula e agora tem medo que o presidente se vá. Levando em consideração essa afirmativa e tudo o que presidente tem representado para a burguesia, é correto afirmar que os movimentos sociais, hoje, representam o grande perigo para esses setores da sociedade?**

**Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida** - A classe dominante brasileira tem uma tradição de grande docilidade frente aos interesses imperialistas e extrema dureza para com os dominados em nosso país. Reclamam do Estado o tempo

a 25 de agosto de 2004. Paralelo ao evento aconteceu a *Exposição Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios*, no Espaço Cultural do IHU. A revista IHU On-Line publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16 de agosto de 2004, intitulada *A Era Vargas em Questão – 1954-2004* e a edição 112, de 23 de agosto de 2004, chamada *Getúlio*. Na edição 114, de 6 de setembro de 2004, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26 de agosto de 2004 o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o IHU *Idéias Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos *Cadernos IHU Idéias*, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, também de autoria de Juremir. Vale destacar os *Cadernos IHU em formação* número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. As versões eletrônicas encontram-se disponíveis no sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> João Belchior Marques Goulart (1918-1976): presidente do Brasil de 1961 a 1964. Seu mandato foi marcado pelo confronto entre diferentes políticas econômicas para o país, conflitos sociais, greves urbanas e rurais. Seu governo é usualmente dividido em duas fases: Fase Parlamentarista (da posse em 1961 a janeiro de 1963) e Fase Presidencialista (de janeiro de 1963 ao Golpe em 1964). Confira nas *Notícias do Dia 27-08-2007*, a entrevista “João Goulart e um projeto de nação interrompido”, realizada com o historiador Oswaldo Munteal. (Nota da IHU On-Line)

todo, mas “não vivem sem as suas te-  
tas”, sob a forma de empréstimos do  
BNDES (Banco Nacional de Desenvol-  
vimento Econômico e Social) a juros  
amorosos, subsídios, renúncias fiscais  
etc. E, claro, apelam para a repres-  
são estatal sempre que os movimentos  
sociais emergem. Por isso, entramos  
no século XXI como uma das maiores  
desigualdades sociais do planeta. Esta  
ojeriza à ação coletiva dos dominados  
tende a aumentar na medida em que  
sinais de crise despontam no capitalis-  
mo mundial.

**IHU On-Line - Como o senhor perce-  
be a participação indígena na políti-  
ca, no caso do governo Evo Morales?  
Por que no Brasil movimentos sociais  
como esse não representam partici-  
pação efetiva?**

**Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida -** No  
Brasil, os movimentos sociais de cará-  
ter étnico ainda têm um longo caminho  
pela frente, a começar pelo movimen-  
to negro. A população indígena brasi-  
leira foi quase totalmente dizimada e  
seus descendentes necessitam de um  
apoio muito grande para sobreviverem  
cultural e mesmo fisicamente. Lutam  
com a pequena força que possuem.  
Em poucas palavras, a maioria dos  
movimentos sociais brasileiros não se  
caracteriza por uma forte identidade  
étnica. Já os povos indígenas represen-  
tam quase 70% da população da Bolí-  
via, situação parecida com a de outros  
países da América Latina. Isto faz com  
que estes movimentos, ao contrário dos  
principais movimentos sociais brasilei-  
ros tenham um profundo componente  
étnico. Os movimentos sociais se for-  
taleceram muito na Bolívia e impulsio-  
naram a eleição de Evo Morales. Resta  
saber se Evo Morales estará à altura  
das expectativas que os movimentos  
sociais depositaram neles.

#### LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista com Lúcio Flá-  
vio Rodrigues de Almeida na nossa página ele-  
trônica [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

\* *A tragédia da democracia: a repressão ao exer-  
cício de direitos políticos dos trabalhadores*. Edi-  
ção 259, de 26-05-2008.

**PARTICIPE DOS NOVOS EVENTOS DO IHU  
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM  
WWW.UNISINOS.BR/IHU**